

ABERTURA DA SESSÃO

Hugo Pereira do Amaral
Diretor da FAFICH - UFMG

Desejo inicialmente, em nome da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, prestar minhas homenagens a esta respeitada Faculdade Eclesiástica de Filosofia que, agora cinquentenária, vem realizando com apurada determinação a intencionalidade da Filosofia tão limpidamente formulada por seu Diretor, o filósofo Marcelo Perine.

A filosofia, como diz Perine, é habitada pela tensão entre a vontade de compreender e a vontade de instaurar. A compreensão, como sabemos, é fundamentalmente rememoração meditada daquilo que é, não sendo, por isso mesmo, em certo sentido, produtora de nada. A aguda compreensão dessa dimensão do discurso filosófico suscita nas pessoas que aqui trabalham a serena convicção de que a originalidade, em filosofia, é em grande medida ilusória.

A fidelidade a essa reta inspiração tem impedido o ingresso nesta venerável Faculdade da doença infantil que invade e, no fundo, estiola muitas das instituições que se aplicam à Filosofia, ou seja, o fútil fascínio da novidade pela novidade e a fátua pretensão de que se pode fazer Filosofia sem a retomada paciente e meditada das obras exemplares de nossa rica e complexa tradição. Conformam-se assim à regra de ouro enunciada por Hegel quando afirmava que o acesso à Filosofia não se faz por atalhos.

A filosofia é também vontade de instauração — instauração de uma vida sensata, justa e livre — que deve entretanto enraizar-se na rememoração para não se converter em paradoxal empreendimento, imensamente generoso e virtualmente tirânico.

A excelência dos cursos aqui ministrados, a reconhecida qualificação de seu corpo docente e a dedicada aplicação de seu corpo discente aos imperativos do saber rigoroso conferem a esta Faculdade, no cenário das instituições de ensino superior de nosso país, uma posição de inconfundível relevo.

Seja-me permitido também expressar ao nosso querido Pe. Vaz o profundo reconhecimento da UFMG à inestimável contribuição dada, no correr de duas décadas (propiciada por um obsequioso exílio), à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas na qualidade de professor e pesquisador modelar.

Penso que a meditação rigorosa do niilismo ético, mal por excelência de nosso tempo, percorre boa parte de sua obra. O niilismo que de forma sinuosa, múltipla e avassaladoramente corrosiva mina os fundamentos de uma civilização que se desejou, em seus momentos mais construtivos, fundada e movida pela prodigiosa força emancipadora da razão. Pe. Vaz, em nenhuma circunstância, adota o tom indignado do moralista piedoso, nem a inflexão de certo profetismo que, embalado pela dinâmica de seu próprio entusiasmo, economiza o labor paciente do conceito.

Há, ao contrário, em todo o seu vigoroso esforço de pensar a nossa crise, a reafirmação da matriz cultural que determinou decisivamente a história do Ocidente: a matriz logocêntrica. Com efeito, as promessas de uma civilização centrada na razão e na exigência ética que lhe é constitutiva estão longe de ter sido cumpridas. E muitas das aporias que paralisam o nosso tempo, como demonstra de forma superiormente fundamentada a obra de nosso homenageado, estão atadas ao esquecimento da exigente coerência arquitetônica da razão. Da razão amiga da vida, do bem e da fé.

Endereço do autor:

R. Dante, 494 / 201

30240 — Belo Horizonte — MG